

O AQUECIMENTO GLOBAL E A GEOPOLÍTICA DO ÁRTICO - UMA OPORTUNIDADE PARA A RETOMADA DA HEGEMONIA RUSSA NA EURÁSIA

João Rafael Gualberto de Souza Morais¹ e José Rhadamés Moura Macena²

Resumo: Este artigo visa compreender a estratégia russa voltada para o Ártico, na intenção de avaliar se as mudanças geoclimáticas provocadas pelo aquecimento global na região podem gerar oportunidades pertinentes para o crescimento econômico russo que contribuam para a retomada de sua hegemonia na região eurásiana. Na hipótese de que a Rússia, como membro mais influente do Conselho do Ártico, dotada da maior e mais tecnológica frota de navios quebra-gelo do mundo, pode se beneficiar das mudanças na geografia daquela região, tanto para exploração de recursos energéticos, como petróleo e gás natural, quanto no que diz respeito à abertura de novas rotas marítimas comerciais de grande envergadura, particularmente a Rota do Mar do Norte, este trabalho visa avaliar como o potencial existente na região pode contribuir para tornar a Rússia mais relevante no xadrez geopolítico eurásiano. Palavras-chave: Ártico, Rússia, Eurásia, Passagem do Nordeste.

Abstract: This article aims to comprehend the Russian strategy towards the Arctic, in order to evaluate whether the geoclimatic changes caused by global warming in this region can generate relevant opportunities for the Russian economic growth that contribute for the resumption of its hegemony in the Eurasian region. In the hypothesis that Russia, as the most influential member of the Arctic Council, endowed with the world's biggest and most technological icebreaker fleet, can benefit from changes in the geography of that region, both for the exploration of energy resources, such as oil and natural gas, and regarding the opening of new large-scale commercial maritime routes, particularly the Northern Sea Route (NSR), this work aims to evaluate how the existing potential in the region can contribute to make Russia more relevant in the Eurasian geopolitical chessboard.

Keywords: Arctic, Russia, Eurasia, Northeast Passage.

¹ Doutor em Ciência Política pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. É docente no Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense (INEST/UFF).

² Capitão-Tenente Fuzileiro Naval, aluno do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC).

INTRODUÇÃO

No presente século, assuntos acerca do aquecimento global e suas consequências para o planeta e para a vida humana têm se tornado cada vez mais notáveis. Ao passo que os debates entre ambientalistas, empresários e políticos se intensificam, alguns países, como os do Círculo Polar Ártico e especialmente a Rússia, parecem se beneficiar desse forte aumento de temperatura na superfície do planeta, tanto em suas porções terrestres como nos mares e oceanos.

No campo geopolítico, mudanças nas características geográficas de um local podem influenciar diretamente a política de uma nação e proporcionar facilidades ou dificuldades inerentes a tais alterações. Na visão do cientista político e geoestrategista Zbigniew Brzezinski, o conceito de geopolítica “refere-se à combinação de fatores geográficos e políticos que determinam a condição de um Estado ou região, enfatizando o impacto da geografia sobre a política” (apud TEIXEIRA JÚNIOR, 2017 p. 33). Sendo assim, motivado pelas significativas mudanças climáticas que impactam a geografia do Ártico e trazem uma nova perspectiva para a política externa russa, o artigo se propõe a compreender como a Rússia tem se relacionado com a Europa e com a China numa tentativa de retomar seus tradicionais espaços de potência hegemônica na região, perdida ao fim da Guerra Fria, com a dissolução da União Soviética. Nesse contexto, de forma a manter seus interesses em sua área de influência, particularmente desde o segundo mandato do presidente Putin, a política externa russa tem provocado elevadas tensões na Europa a partir de movimentos expansionistas, que visam a manutenção do interesse nacional e econômico russo e a contenção do contínuo avanço da influência da OTAN naquele continente.

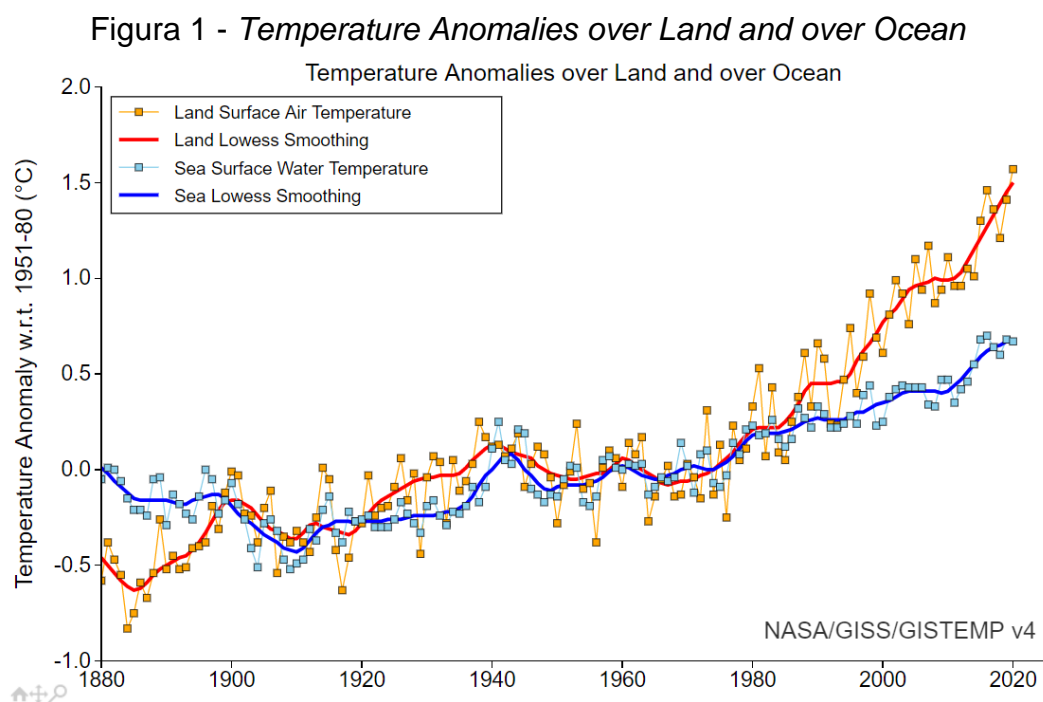
Em vista disso, nesse momento em que a Rússia se encontra em busca de retomar seus tradicionais espaços na região, as oportunidades que surgem no Ártico podem influenciar diretamente sua relação com os países vizinhos do leste europeu, promovendo integração e reduzindo as atuais tensões, em face a sanções econômicas aplicadas pela União Europeia. Todavia, além de questões associadas aos países de seu entorno estratégico, o trabalho pretende trazer uma abordagem macro para avaliar o potencial existente na região do Ártico em inserir a Rússia como uma grande potência ressurgente disposta a ocupar o seu lugar numa estrutura de poder multipolar. A abertura de novas rotas marítimas internacionais que tangenciam sua costa, seu posicionamento na região através da ampliação da infraestrutura portuária e de bases militares, a exploração de recursos energéticos, além da expansão de sua frota naval, em especial com o avanço na construção de navios quebra gelo de propulsão nuclear e de bases civis para monitoramento e apoio a travessia de grandes

volumes de carga para o comércio internacional são motivações que reforçam a publicação desse artigo e serão abordadas ao longo do trabalho para analisar o atual posicionamento russo na região e suas consequências na atual Ordem Mundial.

1. A OPORTUNIDADE ESTRATÉGICA PARA A RÚSSIA NO ÁRTICO

1.1. As mudanças climáticas e seus impactos na geopolítica eurásiana

O século XXI tem sido marcado, em grande parte, por preocupações e debates em torno do meio ambiente, sua preservação, sustentabilidade, modelos de *Environmental, social and corporate governance* (ESG), créditos de carbono e afins, e seus impactos causados para as futuras gerações. Não tendo por objetivo do trabalho avaliar tais discussões em relação aos potenciais impactos socioambientais no Ártico, todavia se atendo apenas aos aspectos que possam afetar diretamente na política externa e na estratégia dos países que fazem parte da região, é possível observar na Figura 1, que após meados da década de 1980, ocorre uma forte inclinação na tendência de alta das temperaturas tanto nas superfícies dos continentes, quanto nas superfícies dos oceanos.



Fonte: *Data Nasa Giss Gistemp, 2021.*

Na linha vermelha é possível observar a média da variação de temperatura observada na superfície dos continentes e na linha azul é possível observar a média da variação de temperatura na superfície dos oceanos. Em virtude do alto crescimento

apresentado em ambas as linhas, é que o Ártico passou a ser amplamente abordado em termos de influência geopolítica para os países do Círculo Polar Ártico, a saber, Rússia, Noruega, Suécia, Finlândia, Estados Unidos, Canadá, Dinamarca (Groenlândia) e Islândia.

Pensadores da geopolítica clássica, como Mackinder e Spykman, não deram ênfase na região ártica quando da formulação dos seus conceitos dentro do contexto da geopolítica eurásiana, pois viveram em épocas que não se vislumbrava um ambiente Ártico trafegável e oportuno para desenvolvimento e a exploração de recursos naturais e energéticos. Apesar do Ártico ter sido explorado no contexto da Guerra Fria como um local militarizado que permitia a saída de submarinos russos e a instalação de sistemas de monitoramento e vigilância para dar alerta antecipado para as duas grandes potências, EUA e URSS, tendo em vista que interliga o continente americano e o asiático e pela sua proximidade proporciona menores rotas de deslocamento de mísseis balísticos intercontinentais entre tais países, como é possível observar na Figura 2, é apenas no presente século, inicialmente com a criação do Conselho do Ártico para fins de cooperação, coordenação e interação entre os Estados do Ártico no que tange ao desenvolvimento sustentável e proteção ambiental, que as atenções passam a se voltar com afinco para aquela região, com objetivos econômicos e comerciais. Como observado da definição de Brzezinski, na Introdução, os “fatores geográficos e políticos que determinam a condição de um Estado ou região” estão em transformação, o que impactará diretamente a política de cada Estado Ártico.

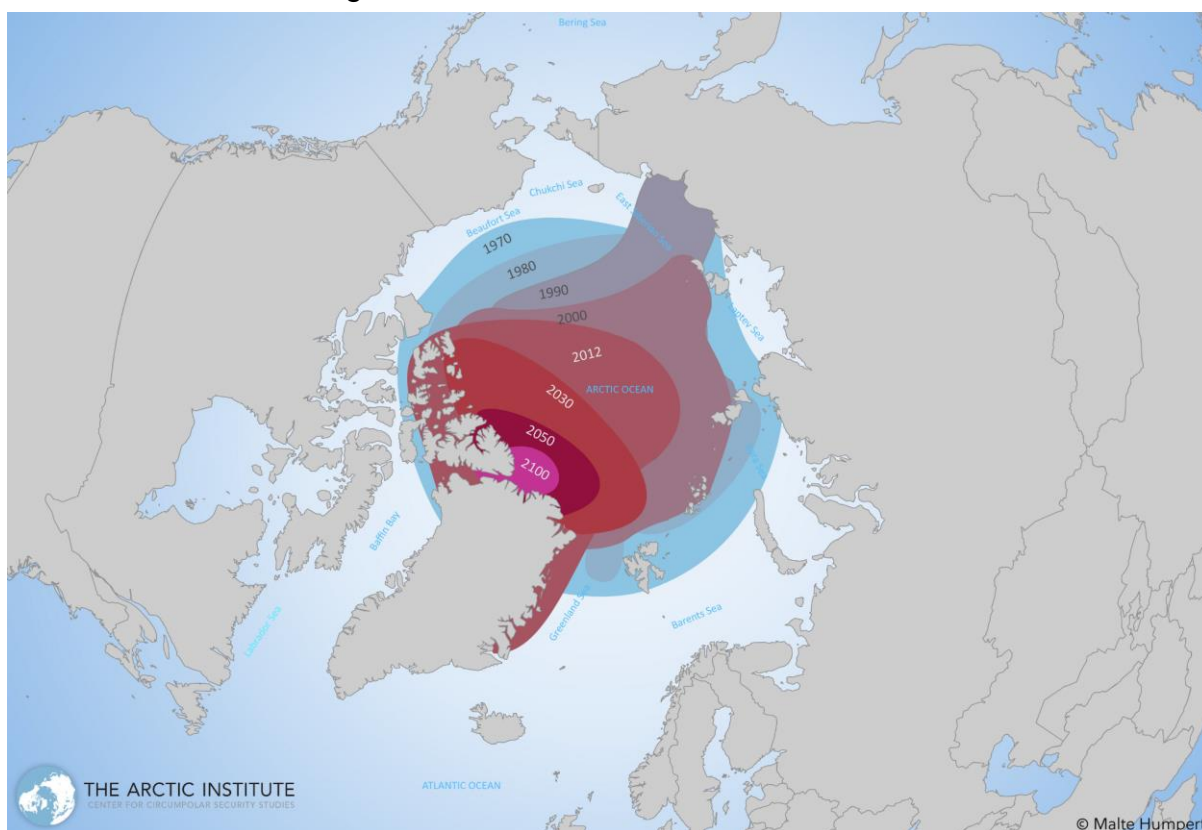
Figura 2 - Continentes asiático e americano separados pelo Oceano Ártico (em verde)



Fonte: website pngwing.com

A transformação que ocorre na geografia do Oceano Ártico, com o seu degelo contínuo, como é possível observar na Figura 3, traz mudanças significativas na forma de se enxergar tal região para o futuro, em especial pelos países que tem sua costa voltada para a região. Na Figura observada é possível identificar, preliminarmente, que a extensão do gelo no verão tem sido cada vez menor ao longo dos anos desde a década de 1970 e que, a região que primeiro se apresenta com uma maior probabilidade de abertura para a navegação parece ser nas proximidades da costa russa, já que a extensão de gelo segue até os anos de 2100 com a previsão de se manter mais densa na costa da Dinamarca (Groenlândia) e do Canadá.

Figura 3 - Summer Ice Extent 1970 -2100



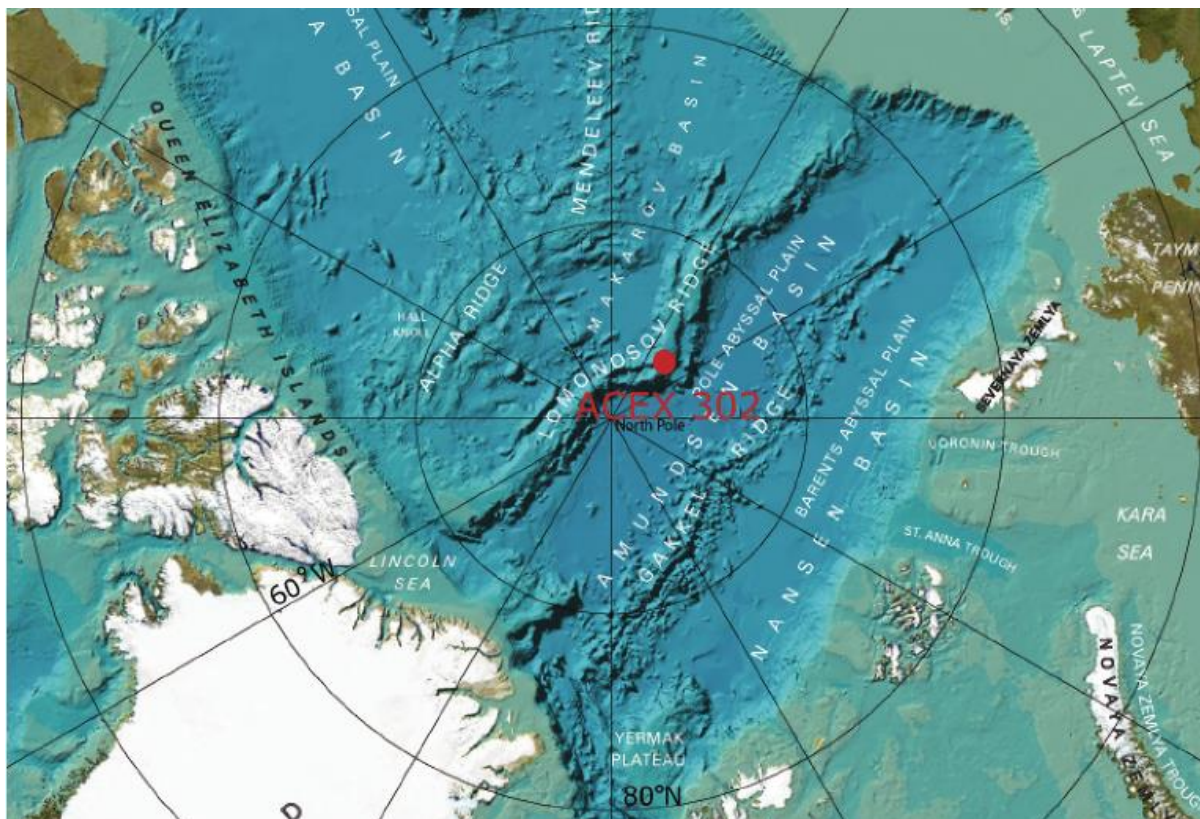
Fonte: *The Arctic Institute*, 2021.

Fato é que a Rússia foi um dos primeiros países a apresentar uma estratégia para o Ártico, em 2009, sob o título em inglês: *The fundamentals of state policy of the Russian Federation in the Arctic in the period up to 2020 and beyond*, no governo de Medvedev, que seria revisada e atualizada em 2013 na gestão Putin, emitida sob o título, em inglês: *The development strategy of the Russian arctic zone for the period up to 2020*. (DA SILVA, 2017). E em outubro de 2020, em linha com os avanços na região, a Rússia emitiu sua mais recente *Strategy of development of the Arctic Zone of the Russian Federation and the provision of national security for the period to 2035*,

que estabelece como prioridades estratégicas a exploração dos Recursos Naturais, a infraestrutura da Rota do Mar do Norte e a Defesa. (MEHDIYEVA, 2021).

A Rússia foi também o primeiro país a submeter à Comissão de Limites da Plataforma Continental (CLPC), em 2001, o pedido de extensão de sua Plataforma Continental para além das 200 milhas náuticas, tendo seu pleito sido rejeitado naquela ocasião por serem consideradas insuficientes as provas científicas coletadas. Após longo período de pesquisas e coleta de elementos geológicos, como na expedição científica em 2007 que, além de recolher amostras naturais, fincou a bandeira de titânio russa no fundo do oceano, novo pleito foi realizado em 2015, e encontra-se sob avaliação desde então. O ponto focal de impasse se estabelece pela solicitação russa de aclamar para si as cordilheiras de Lomonosov e Mendeleev (observadas na Figura 4) como extensão de 1,2 milhões de km² a sua Plataforma Continental, também reivindicadas pelo Canadá e pela Dinamarca. (DA SILVA, 2017).

Figura 4 - Cordilheiras de Lomonosov e Mendeleev no fundo do Oceano Ártico



Fonte: IMMONEN et al. (2009): *Mineralogical Evidence of Middle Miocene Glacial Ice in the Central Arctic Ocean Sediments.*

Tal solicitação russa encontra-se em linha com sua estratégia para exploração de recursos minerais na região e consubstancia a oportunidade energética que abordaremos no subitem 2.2 deste trabalho.

Além do choque de interesses nessa região central do Ártico, além das 200 milhas náuticas da costa dos países costeiros, a China é um país que demonstra interesse na região. Como membro observador do Conselho do Ártico desde 2013 e com a contínua aproximação com a Rússia, tanto pela proximidade de seus líderes como pela Organização para Cooperação de Xangai (2001), a China expressou em seu Livro Branco, em 2018, seu interesse na região como um braço da sua Nova Rota da Seda, com uma rota que foi denominada de “Rota da Seda Polar” que pode trazer, aliada a exploração e desenvolvimento de recursos, um “enorme impacto na estratégia energética e no desenvolvimento econômico da China”, como é possível observar no trecho abaixo:

A utilização de rotas marítimas e a exploração e desenvolvimento dos recursos no Ártico podem ter um enorme impacto na estratégia energética e no desenvolvimento econômico da China, que é uma importante nação comercial e consumidor de energia no mundo. Espera-se que o capital, a tecnologia, o mercado, o conhecimento e a experiência da China desempenhem um papel importante na expansão da rede de rotas marítimas no Ártico e na facilitação do progresso econômico e social dos Estados costeiros ao longo das rotas. (GABINETE DE INFORMAÇÃO DO CONSELHO DE ESTADO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2018, apud MUNHOZ e CARLETTI, 2020).

Para o pesquisador chinês Li Zhenfu, da Universidade Marítima de Dalian, na China, “*Whoever has control over the Arctic route will control the new passage of world economics and international strategies.*” (KAZMI, 2020), o que ressalta a importância da China se envolver na região e demonstra a força da oportunidade que se apresenta para a estratégia de retomada da hegemonia russa na região eurasiática. Em termos de economia chinesa ao transferir seu comércio para o Ártico “*chinese analysts share Putin’s optimism, calculating that China could save a staggering \$60–\$120 billion per year solely by diverting trade through the Northern Sea Route*” (RAINWATER, 2013).

Outro grande interessado na abertura do comércio através da região é a Alemanha, que também faz parte da membresia do Conselho do Ártico na posição de observador, e detém uma das maiores marinhas mercantes do mundo, assim como um expressivo número de navios de contêineres e companhias voltadas para o mercado de tecnologia marítima. (DUARTE e SUDBRACK, 2016).

Todo esse interesse parece estar alinhado com a estratégia de política externa russa para a região ao passo que possibilita reforçar aspectos de cooperação, integração e formação de alianças que fortalece a visão de multipolaridade de Putin, como ele mesmo expressou:

Eu considero que o modelo unipolar não é apenas inaceitável, mas também impossível no mundo de hoje ... Não há razão para duvidar que o potencial econômico dos novos centros de crescimento econômico global se converterá inevitavelmente em influência política e fortalecerá a multipolaridade. (apud TOMÉ, 2018, p. 77, tradução nossa).³

O momento é sobretudo oportuno já que em quinze de maio deste ano o Conselho do Ártico adotou o seu primeiro Plano Estratégico de dez anos para a região, fato que marca o alinhamento de aspirações entre os Estados Árticos, na reunião que também marcou o início da presidência russa para o período de 2021-2023. Nas palavras do ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, o conselho reforça “seu compromisso com a paz, estabilidade e cooperação em altas latitudes, e definiram as principais áreas de promoção da cooperação internacional na região ártica”. (XINHUA, 2021). Cooperação internacional que sobretudo com a China promete gerar uma completa sinergia com as oportunidades russas, ao passo que a respeito da multipolaridade, os dois países têm firmado acordos comerciais nos quais a abundância de recursos minerais russos e a necessidade de crescimento chinesa tendem a se conectar perfeitamente.

Dessa forma, as oportunidades russas para contornar seu isolacionismo (tanto pela dificuldade histórica de saída para o mar, quanto da forte pressão da OTAN expandido para as proximidades de sua fronteira adentrando em seu entorno estratégico), parecem em vias de serem alcançadas através da relevante abertura de possibilidades que se apresentam no Ártico, como serão destacadas no decorrer deste capítulo.

2.2. Os recursos energéticos

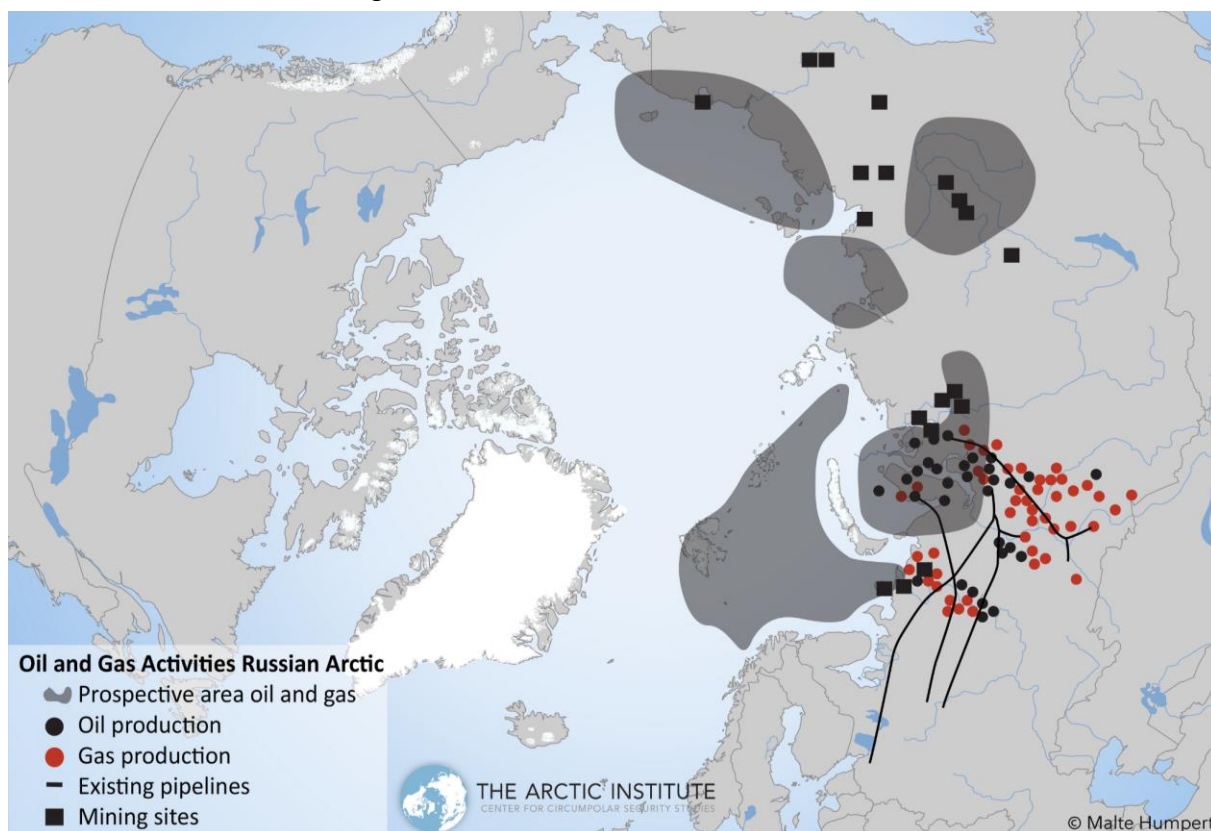
Uma das grandes oportunidades no Ártico diz respeito à exploração dos recursos naturais e minerais da região. Na Figura 5 é possível observar as atividades russas no Ártico no que se refere a extração e produção de petróleo e gás natural, além de uma pequena parte de sua rede existente que se conecta a Europa, sendo responsável pela exportação de quantidade significativa desses recursos para os países da União Europeia.

A estratégia de Putin para a recuperação econômica da Rússia a partir dos anos 2000 através do uso da infraestrutura herdada da União Soviética em conjunto com as várias ex-repúblicas do bloco socialista, aliada a assertividade da postura de

³ *I consider that the unipolar model is not only unacceptable but also impossible in today's world... There is no reason to doubt that the economic potential of the new centres of global economic growth will inevitably be converted into political influence and will strengthen multipolarity.* (apud TOMÉ, 2018, p. 77)

Moscou na Criméia e em seu entorno estratégico, assegurando o escoamento da sua produção de gás natural para toda a Europa, facilita sobremaneira a continuidade da exploração desses recursos ao longo dos próximos anos. Como um dos focos da *Strategy of development of the Arctic Zone of the Russian Federation and the provision of national security for the period to 2035*, a exploração de recursos minerais será a base do desenvolvimento socioeconômico russo para os próximos anos. Com 80% do gás natural e 17% de todo o petróleo russo já sendo produzido na região e mais de 85 trilhões de metros cúbicos de gás e 17 bilhões de toneladas de óleo (incluindo condensado) a serem exploradas na atual plataforma continental, como é possível observar na Figura 5, a estratégia russa visa ampliar, até 2035, em cinco novos projetos petrolíferos, 21 projetos de desenvolvimento de minerais sólidos (de diamantes a minerais de terras raras, titânio, quartzo, ouro e carvão) e três novas plantas petroquímicas, além de aumentar sua produção de Gás Natural Liquefeito (GNL), de 8,6 milhões de toneladas em 2018 para impressionantes 91 milhões até 2035. (MEHDIYEVA, 2021).

Figura 5 - Oil and Gas in Arctic Russia



Fonte: *The Arctic Institute*, 2021.

O crescimento econômico russo através da exploração de tais recursos, permitirá ampliar a destinação de verba para a região como um processo que se retroalimenta, permitindo o desenvolvimento sustentável, o crescimento da infraestrutura de suporte e do crescimento de sua frota de navios para escoar a produção para o oriente, em especial para a China, que tem intenso interesse e se torna dependente de acordos bilaterais com países do Ártico para garantir sua crescente economia e o abastecimento dos seus meios de produção. Na visão de GRIEGER:

A China, no entanto, é limitada em suas ambições de colher esses recursos sozinha, porque estão localizados em grande parte em território soberano ou na plataforma continental sobreposta (reivindicada) dos estados litorâneos do Oceano Ártico. Portanto, a China precisa contar com acordos bilaterais de mineração e energia, como os que estão em andamento com o Canadá, a Groenlândia, a Rússia (projeto Yamal LNG) e os EUA. (GRIEGER, 2018, p. 6, apud MUNHOZ e CARLETTI, 2020).

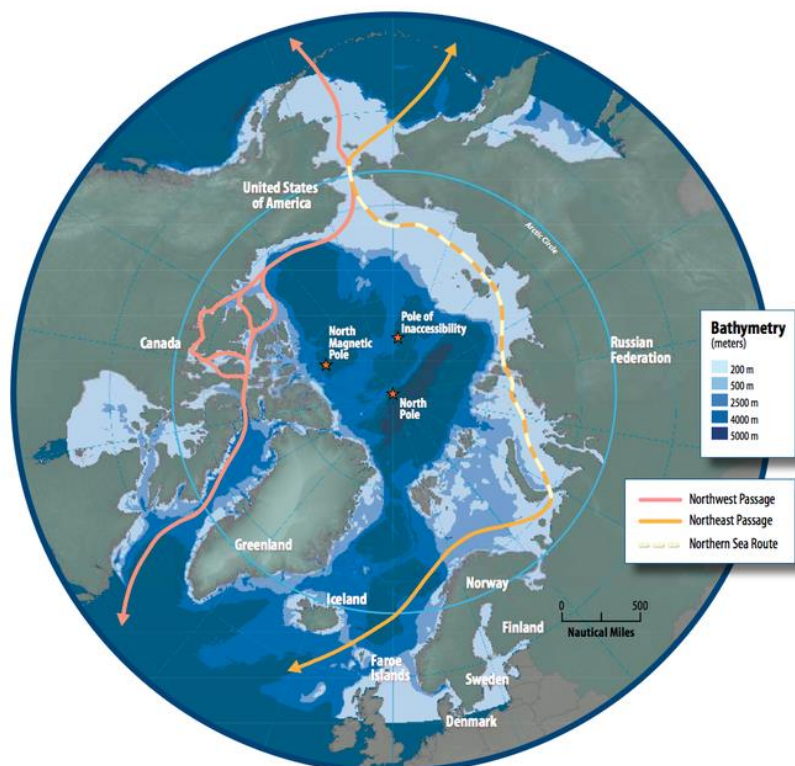
Tal demanda chinesa, por si só, é uma grande oportunidade russa tanto para venda de seus recursos energéticos, quanto para a ampliação de sua frota marítima que permitirá escoar tais produtos para o oriente e encontra-se alinhada com a estratégia de crescimento dentro de uma multipolaridade proposta por Putin para as relações internacionais do planeta.

É de se ressaltar ainda que, em 2008, cerca de 84% do petróleo e gás natural a serem descobertos no Ártico se encontravam em zonas *offshore* (USGS, 2008 apud DA SILVA, 2017) e que a solicitação de expansão da plataforma continental russa pode proporcionar a captação de parte desse potencial ainda inexplorado e aumentar sua capilaridade na atuação de tais empreendimentos energéticos, dos quais país já possui *know-hall* para viabilizar tal operação.

2.3. A nova rota marítima comercial do Ártico

As principais rotas marítimas do Ártico podem ser visualizadas na Figura 6, a saber a Passagem do Noroeste (em vermelho) e a Passagem do Nordeste (em amarelo). O trecho da Passagem do Nordeste que tangencia a costa russa é a chamada Rota do Mar do Norte. Com as rotas visualmente definidas e do observado na Figura 3, é possível concluir que o trecho da Rota do Mar do Norte está sendo mais impactado pelo derretimento das geleiras e dessa forma se encontra gradualmente mais livre a navegação em sua região.

Figura 6 - Principais rotas marítimas no Ártico



Fonte: Passagem do Nordeste, Wikipédia.

A abertura de uma rota marítima ao norte para a Rússia vai muito além do aspecto comercial, que será tratado com maiores detalhes nos itens 2.3.1 e 2.3.2, ao passo que provoca mudanças estruturais na geopolítica russa, possibilitando uma maior abertura de sua economia para o mundo, facilidade de acesso aos mares e até mesmo uma melhor distribuição demográfica dentro do seu território.

Na visão de Mahan, um dos conceitos simples para a formulação da Teoria do Poder Marítimo, é que quem tivesse o controle dos mares teria um poder inigualável, já que o globo é composto por quase 70% de áreas marítimas (CHURRO, 2013 apud GALVÃO, 2018) e um dos aspectos considerados na concepção de sua teoria era o aspecto econômico baseado na capacidade comercial e de produção, demonstrando a importância que o mar tinha para o desenvolvimento das nações e que nesse caso parece conectar diretamente a oportunidade que surge para a Rússia no Ártico, onde existe uma crescente em ambas as capacidades que podem resultar num expressivo crescimento econômico para a nação.

Nesse âmbito, Moscou tem promovido acordos bilaterais e multilaterais para se beneficiar de investimentos estrangeiros e reduzir os impactos provocados pelas sanções econômicas advindos da União Europeia quando da anexação da Criméia, e o contexto internacional parece alinhado com a visão de um crescimento firmado em

acordos de cooperação com o oriente, facilitando a retomada do crescimento econômico russo para evolução de seus tradicionais espaços de hegemonia na região eurasiática.

É trabalhando nessa perspectiva que a estratégia para desenvolvimento do Ártico para 2035 tem estipulado o crescimento da frota naval russa e o crescimento de sua infraestrutura de apoio e portuária, como será abordado nos próximos itens.

2.3.1. A frota naval russa e a Rota do Mar do Norte

Na finalidade de tornar a Rota do Mar do Norte trafegável durante todo o ano, o governo russo tem investido na ampliação de sua frota de navios quebra-gelo, em especial os movidos a propulsão nuclear com capacidade de até 7 anos de navegação autônoma (ROSATOM, 2020) até seu reabastecimento, e a estratégia para 2035 aponta para a construção de pelo menos cinco navios quebra-gelos nucleares do Projeto 22220, o primeiro dos quais, *Arktika*, como é possível observar na Figura 7, tornou-se operacional em outubro de 2020. Já detentora da maior frota de navios quebra-gelo do mundo, a Rússia segue ampliando sua frota e também na construção do navio *Rossiya*, da classe Líder (Projeto 10510), projetado para quebrar gelo ao longo da parte mais difícil da Rota do Mar do Norte, e com isso os massivos investimentos permitirão escoar sua produção de recursos minerais para os países asiáticos e estabelecer a segurança e o controle sobre os trechos intransitáveis do mar de Laptev até os mares da Sibéria Oriental e Chukchi permitindo a navegação comercial durante todo o ano. (MEHDIYEVA, 2021).

Figura 7 - *Arktika* - maior navio quebra-gelo nuclear do mundo



Fonte: <https://nationalinterest.org>

Em 2020, a Rússia já possuía 53 navios quebra-gelo operacionais que quando comparado com as potências econômicas mundiais, EUA e China, com respectivamente 2 e 4 navios operacionais (SPUTNIKNEWS, 2020), fica clara a força da presença russa na região e a capacidade tecnológica e industrial que está sendo direcionada para o Ártico. Tal frota, superior em quantidade e em tecnologia quando comparada aos demais países, aliada a grande frota de submarinos e a expansão da infraestrutura na região, garantem a presença, o controle e a segurança do Ártico.

2.3.2. Rota do Mar do Norte vs. Canal de Suez

Retomando a frase do pesquisador chinês Li Zhenfu, da Universidade Marítima de Dalian, na China, “*Whoever has control over the Arctic route will control the new passage of world economics and international strategies.*” (KAZMI, 2020), algumas razões se mostram a favor do crescimento contínuo do fluxo logístico comercial pela Rota do Mar do Norte com a continuidade do derretimento das geleiras, o crescimento da frota naval russa e a expansão da infraestrutura da rede portuária e de bases de apoio na região, em comparação com a maior rota comercial do mundo que hoje atravessa o Canal do Suez.

Em primeiro lugar, destaca-se a menor extensão da rota quando comparamos a saída de produtos da China para o norte da Europa ou para os Estados Unidos, e vice-versa. Com cerca de 40% de redução da distância ao compararmos os pontos apresentados na Figura 8, é possível observar que, por si só, tal dimensão pode gerar uma economia de tempo, de deslocamento e de quantidade de combustível, assim como de pagamento de diárias de pessoal empregado para realização do transporte, que pode resultar numa economia relevante aos países que utilizarem a Rota do Mar do Norte.

Em segundo lugar, basicamente extingue os riscos de pirataria, nas proximidades do chifre da África, especialmente no litoral da Somália, no Golfo de Áden, e do problema intrínseco aos pontos de estrangulamento como os estreitos de Malaca e o Canal de Suez, que recentemente se viu bloqueado pelo navio Ever Given, causando um grande impacto na economia mundial que se deu desde ao desabastecimento da cadeia produtiva até ao aumento do preço de diversos produtos por ali transitáveis. Segundo a *Oceans Beyond Piracy*, os custos de pirataria foi de algo em torno de US\$6,6 a US\$6,9 bilhões em 2011, o que acarreta conseqüentemente também em maiores custos de seguro para os navios que se movimentam por tal trajeto. (FILHO, 2014).

Figura 8 - Rota do Mar do Norte vs. Rota via Canal do Suez



Fonte: BEKKERS et al. (2015): *Melting Ice Caps and the Economic Impact of Opening the Northern Sea Route*.

Fato é que o potencial da Rota do Mar do Norte já se apresenta empiricamente no volume de tráfego progressivamente crescente ao longo dos últimos anos, saindo do zero no início dos anos 2000 para 31,5 milhões de toneladas em 2019 e com uma estimativa de crescimento para a ordem de 130 milhões de toneladas em 2035. A Estratégia russa para 2035 preza pelo uso da rota por empresas russas para a entrega de recursos energéticos estratégicos aos mercados globais através do escoamento de sua produção, enquanto que as bases de infraestrutura consolidam o potencial a ser devidamente utilizado pelo comércio marítimo internacional ao longo dos próximos anos. (MEHDIYEVA, 2021).

2.4. Bases de infraestrutura e apoio logístico

Essencial para o desenvolvimento e para trazer capital de terceiros para a região, a Rússia tem ampliado os esforços para a viabilidade do uso da Rota do Mar do Norte em termos comerciais e para isso, além de ser um dos focos da Estratégia de desenvolvimento do Ártico para 2035, lançou em 21 de dezembro de 2019 o seu Plano de Desenvolvimento da Infraestrutura da Rota do Mar do Norte até 2035, com previsão de implementar as medidas do Plano Integral de Modernização e Ampliação

da Infraestrutura (2018) e medidas adicionais no que tange ao desenvolvimento de bases para exploração de recursos minerais até 2035, que serão escoados pela Rota do Mar do Norte. O Plano conta ainda com o desenvolvimento de um programa de desenvolvimento e apoio estatal na construção naval nacional para assegurar o transporte de carga através de modernos navios cargueiros; medidas organizacionais para o desenvolvimento da infraestrutura hidrológica, meteorológica, de salvamento, de comunicação e de informação da Rota do Mar do Norte; desenvolvimento de um sistema de gestão tático-operacional centralizado de navegação durante todo o ano ao longo de toda a rota, com base na criação de um único centro de controle da Rota do Mar do Norte. (GOVERNO RUSSO, 2019).

A Estratégia de desenvolvimento do Ártico para 2035 atribui prioridade para a construção de Portos de exploração de recursos minerais e centros em Kamchatka e Murmansk que permitam o carregamento de navios com redução dos custos de transporte para os mercados finais, além da construção e atualização de instalações militares de uso duplo, incluindo os portos de Pevek, Dixon e Tiksi, os quais prestam suporte ao longo de toda a Rota do Mar do Norte, como podemos observar na Figura 9. (MEHDIYEVA, 2021).

Figura 9 - Bases de infraestrutura e apoio logístico



Fonte: LARUELLE, 2015.

Alinhado também com a Estratégia de Desenvolvimento Geológico do país para 2030, a Estratégia para o desenvolvimento do Ártico para 2035 reforça o conceito de campos conectados por uma estrutura comum, com uma abordagem inovadora

orientada pelo viés econômico de melhor custo-benefício para a exploração dos recursos minerais. (MEHDIYEVA, 2021).

Dessa forma é possível observar o grau de integração e a capacidade tecnológica industrial que a Rússia está empregando para desenvolver a região que oportunamente pode contribuir ainda com a questão demográfica russa. Historicamente com uma concentração populacional na parte russa voltada para a Europa, o aumento progressivo na temperatura dos continentes, como foi observado na Figura 1, aliado ao desenvolvimento de infraestrutura para a região, surge como uma oportunidade de uma melhor distribuição demográfica no longo prazo para o Estado russo que pode se voltar para características aliadas aos países com abertura comercial para o mar.

2.5. Militarização do Ártico

A militarização do Oceano Ártico, no que diz respeito a sua ocupação por meios e tropas militares, não surgiu apenas neste momento de derretimento das geleiras na região. Durante a Guerra Fria o Ártico foi um local de grandes tensões e, foi utilizado para a instalação de equipamentos militares, como radares e sensores que pudessem dar um alerta antecipado as defesas estadunidenses e russas contra o lançamento de mísseis balísticos intercontinentais, já que a região fazia parte da menor rota entre os países, como abordado por Le Mière e Mazo:

O Ártico manteve sua importância estratégica durante a Guerra Fria. A rota mais curta entre a União Soviética e os Estados Unidos, para aeronaves e mísseis balísticos, era sobre a região polar. O Ártico era, portanto, um importante teatro estratégico para defesa antiaérea, alerta antecipado e defesa contra potenciais mísseis balísticos. (LE MIÈRE e MAZO, 2013, p. 1587, tradução nossa).⁴

Após a queda da URSS e o conseqüente término da Guerra Fria, o Ártico passou por uma fase de desmilitarização e só retornou ao cenário mundial com ênfase nos aspectos militares, recentemente, com os impactos provocados pelo aumento da temperatura dos mares, que trouxe oportunidades no que se refere a exploração de recursos energéticos e a abertura de novas rotas marítimas comerciais, como já abordados anteriormente ao longo deste trabalho. Todavia, esta reascensão militar na região se pautou, pelo menos até meados de 2014, pela cooperação entre os países Árticos em benefício coletivo em âmbito internacional.

⁴ *The Arctic retained its strategic importance during the Cold War. The shortest route between the Soviet Union and the continental United States for aircraft and ballistic missiles was over the polar region. The Arctic was thus an important theatre for strategic air defence, early warning and potentially ballistic-missile defence.* (LE MIÈRE e MAZO, 2013, p. 1587).

Em 2014, em meio a sanções econômicas aplicadas pela União Europeia após a anexação da Criméia, a Rússia criou o *Joint Strategic Command North*, constituído por forças terrestres, navais e aéreas e de caráter permanente para manter as projeções do interesse nacional russo e a segurança no Ártico. Nesse momento, ampliou-se a quantidade de exercícios militares, assim como a movimentação de tropas na região, e na Figura 10 é possível observar a disposição das bases militares russas no Ártico em 2015, bem como bases militares de outros países do Círculo Polar Ártico, evidenciando a preponderância russa na região, posicionada estrategicamente próxima de jazidas de óleo e gás natural e em pontos de estrangulamento que permite controlar especialmente a Rota do Mar do Norte. (SILVA e COSSUL, 2021).

Figura 10 - Mapa de militarização russa no Ártico em 2015



Fonte: NUDELMAN, *Business Insider*, 2015.

Apesar da expansão e da superioridade militar russa no Ártico, a política de Moscou manteve sua retórica de cooperação, baseada na Estratégia para o desenvolvimento do Ártico até 2020, com tarefas militares atreladas a prevenção do contrabando, terrorismo, imigração ilegal, entre outros, porém sem referências às atividades militares de outros Estados. Entretanto, em 2020, com a aprovação da *Strategy of development of the Arctic Zone of the Russian Federation and the provision of national security for the period to 2035*, fica explícito que, apesar da Rússia não escolher propositalmente o confronto aberto no Ártico e se manter firme em alcançar seus interesses por meios não militares, a Estratégia menciona o crescimento potencial de conflitos no Ártico como uma ameaça e afirma que, para combatê-la, será necessário um aumento contínuo das capacidades militares de suas Forças Armadas no Ártico. (MEHDIYEVA, 2021).

A Estratégia para 2035 confirma que as preocupações com a segurança dos recursos e dos acessos russos à região cresceram de importância e, ainda no quesito de Defesa, apresenta as necessidades relativas ao aprimoramento da estrutura e da composição das Forças Armadas, assim como da necessidade de modernização de meios e equipamentos adequados as atividades sob o clima hostil do Oceano Ártico (MEHDIYEVA, 2021).

Dessa forma, é possível observar que a Rússia se encontra bem-posicionada militarmente e focada em sua estratégia de longo prazo para o desenvolvimento e salvaguarda dos seus interesses no Ártico, ressaltando o grande valor e as amplas oportunidades que se apresentam naquela região que podem contribuir para o fortalecimento da sua economia, assim como auxiliará na mediação das diversas decisões políticas que exijam uma postura mais firme, uma vez que detém uma força capaz de se opor a interferências externas na região.

CONCLUSÃO

Após uma década de 1990 envolta em crise política e econômica, aliada à anos seguintes de avanço da influência da OTAN sobre os países da antiga União Soviética, é no governo do presidente Vladimir Putin que a Rússia volta a buscar seus tradicionais espaços de hegemonia na região eurásiana. Ao desenvolver sua economia voltada principalmente para a extração e exportação de recursos abundantes em seu território, como petróleo e gás natural, a Rússia reascendeu no cenário internacional fazendo uso da infraestrutura herdada dos tempos da URSS, que interliga as ex-repúblicas e lhe permite escoar sua produção pelo continente, se tornando assim o grande exportador de energia para a Europa, que por sua vez agora depende dos recursos energéticos russos para manter sua atividade econômica.

Entretanto, o avanço da OTAN para a sua zona de influência, sufoca os anseios russos e impedem o seu desenvolvimento nos termos da grandeza da URSS, reduzindo seu espaço vital e o isolando dentro do território do seu próprio país. Foi na tentativa de se impor e não perder um dos seus espaços estratégicos, que a Rússia anexou a Criméia militarmente, mesmo sofrendo sanções econômicas da União Europeia. Tal ação assertiva para os russos, sob o pano de fundo do pan-eslavismo, manteve sua importante base de Sebastopol, sua saída para o Mar Negro e a continuidade do escoamento energético para a Europa.

Nesse contexto de tensões crescentes na Europa e de sanções econômicas impostas, a Rússia passa a explorar a nova configuração geográfica do Oceano Ártico como uma importante oportunidade para a retomada de sua preponderância na região e passa a se aproximar dos chineses numa iniciativa que promove a expansão da sua economia para o oriente e fortalece a visão de crescimento russo dentro de um contexto de multipolaridade almejada por Putin.

Sendo assim, em 2009, a Rússia apresentou sua estratégia volta para o Ártico sob o título em inglês: *The fundamentals of state policy of the Russian Federation in the Arctic in the period up to 2020 and beyond*, se tornando um dos primeiros países a desenvolver políticas externas concretas voltadas para a região. Em 2020, dando continuidade a implementação de sua política, aprovou a *Strategy of development of the Arctic Zone of the Russian Federation and the provision of national security for the period to 2035* e o Plano de Desenvolvimento da Infraestrutura da Rota do Mar do Norte até 2035, dois documentos que demonstram o significativo esforço russo para se desenvolver na região.

A consolidação de tais políticas contribuirá decisivamente para tornar a Rússia ainda mais relevante no cenário internacional, já que, como abordado durante o trabalho, as oportunidades tendem a transformar o país em uma grande potência econômica e a Rússia encontra-se bem-posicionada para aproveitar os diversos benefícios resultantes do degelo no Oceano Ártico.

Uma das grandes oportunidades que foi possível destacar, diz respeito à grande quantidade de recursos energéticos passíveis de exploração no Ártico russo e, como abordado, a Rússia tem envidado esforços para a construção de infraestrutura e de tecnologia que lhe permitem a exploração continuada de tais campos. Além disso, tem elaborado pesquisas científicas e reforçado a solicitação de extensão da sua plataforma continental de forma a ampliar ainda mais sua zona de exploração.

Tais recursos podem ser escoados também por meio de novas rotas marítimas que se apresentam no Ártico, em especial na costa russa, como a Rota do Mar do Norte, que tem potencial para se tornar uma das maiores rotas comerciais do mundo

em volume de carga transportada, tendo em vista que dispõe de inúmeras vantagens se comparadas a outras rotas tradicionais, como menores distâncias envolvidas no trajeto e maior segurança, ao evitar a passagem por zonas de estrangulamento e de alto risco de pirataria e contrabando, possibilitando respectivamente menores tempos para entrega de mercadorias e menores custos de seguro da carga transportada.

A Rússia se encontra mais uma vez bem-posicionada também no que diz respeito a abertura de novas rotas marítimas, com a maior e mais relevante frota marítima de navios quebra-gelo nuclear do mundo, dotada com grande capacidade tecnológica. A Estratégia russa abrange a contínua expansão de seus meios navais e de capacidades de monitoramento e interligação entre suas diversas bases portuárias estabelecidas ao longo da rota, como observado no decorrer deste trabalho. Seu posicionamento agrega valor financeiro e de força política através do estabelecimento de parcerias com países do seu entorno estratégico, da Europa, como a Alemanha, e da China. Ambos os países são membros observadores do Conselho do Ártico que atualmente está sendo presidido pela Rússia, membro efetivo mais influente do Conselho, e ambos apresentam grande interesse, tendo a Alemanha uma das maiores marinhas mercantes do mundo e a China, sendo a maior exportadora de mercadoria do mundo, tendo interesse na redução de custos e prazos de entrega de seus produtos, através do que chamou de um braço da sua Nova Rota da Seda, a Rota da Seda Polar.

A abertura de novas rotas marítimas proporciona ainda a importante saída para o mar tão almejada pela Rússia ao longo de sua história, trazendo facilidades de integração e abertura econômica com diversos países do mundo. Com a expansão de suas capacidades para a região e o contínuo aumento da temperatura do globo, tanto nos mares como na porção terrestre, a costa russa voltada para o Ártico tende gradativamente, no longo prazo, a se tornar um facilitador para equilíbrio da sua distribuição demográfica, atualmente muito concentrada na região de Moscou, voltada para a Europa.

Dessa forma, é possível compreender a relevância das transformações no Ártico para a política externa russa e para sua estratégia de desenvolvimento a fim de retomar seu posto de potência hegemônica na região eurasiática. As diversas oportunidades aliadas ao adequado posicionamento russo na região, inclusive com bases, meios e equipamentos militares que promovem a segurança dos seus interesses, reforça o estabelecimento da Rússia como uma grande potência mundial, num contexto de uma Nova Ordem Multipolar ao longo dos próximos anos.

REFERÊNCIAS

BEKKERS et al. **Melting Ice Caps and the Economic Impact of Opening the Northern Sea Route**. CPB Netherlands Bureau for Economic Policy Analysis, Discussion Paper 307, 2015.

China's Arctic Policy. 2018. Disponível em: <http://www.china.org.cn/government/whitepaper/node_8002699.htm> Acesso em: 20 de julho de 2021.

COLODA, Thiago Alberto; ANDRADE, Bianca. **O pivô geográfico da História (Por Halford J. Mackinder)**. Revista de Geopolítica, v. 2, n. 2, p. 3-27, 2016.

DA SILVA, Carolina Sofia Nóbrega. **A Geopolítica do Ártico e a política externa da Rússia para a região (2007-2017)**. 2017. 84 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

DUARTE, Erico e SUDBRACK, Lucas. **A política internacional do Ártico no século XXI: degelo e a nova fronteira Russa**. Rev. Carta Inter., Belo Horizonte, v. 11, n. 1, 2016, p. 221-244.

FILHO, Nelson Speranza. **Pirataria Marítima: Ameaça Global**. 2014. Disponível em: <[http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=52fe8f09c95a49a4#:~:text=A%20rep%20arti%C3%A7%C3%A3o%20dos%20custos%20mais,de%20seguran%C3%A7a%20e%20guardas%20armados](http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=52fe8f09c95a49a4#:~:text=A%20rep%20arti%C3%A7%C3%A3o%20dos%20custos%20mais,de%20seguran%C3%A7a%20e%20guardas%20armados.)> Acesso em 02 de agosto de 2021.

GALVÃO, Genildo Pereira. **Rússia, em busca de seu espaço no novo contexto internacional**. Centro Universitário Instituto de Educação Superior De Brasília – IESB. Brasília, 2018.

GOVERNO RUSSO, **Утверждён план развития инфраструктуры Северного морского пути до 2035 года**, 2019. Disponível em: <<http://government.ru/docs/38714/>> Acesso em 02 de agosto de 2021.

IMMONEN, Ninna, STRAND, Kari e TURUNEN, Saija: **Mineralogical Evidence of Middle Miocene Glacial Ice in the Central Arctic Ocean Sediments**, the Geophysical Society of Finland, Helsinki, 2009.

KAZMI, Atia Ali. **The Arctic: Great powers & their geopolitical interests**. Disponível em: <<https://www.globalvillagespace.com/the-arctic-great-powers-their-geopolitical-interests/>> Acesso em 29 de julho de 2021.

LARUELLE, Marlene. **Russia's Arctic Strategies and the Future of the Far North**. Editora Routledge, 2015.

LE MIÈRE, Christian e MAZO, Jeffrey. **Arctic opening: Insecurity and opportunity**. Adelphi Book 440. Kindle Edition. Routledge for the international institute for strategic

studies, 2013.

MACKINDER, Halford J. **DEMOCRATIC IDEALS AND REALITY A Study in the Politics of Reconstruction by the RIGHT HONOURABLE**. National Defense University Press, Washington, DC, 1942.

MEHDIYEVA, Nazrin. **“Strategy of development of the Arctic Zone of the Russian Federation and the provision of national security for the period to 2035”**. Disponível em: <https://www.ndc.nato.int/research/research.php?icode=703#_edn7> Acesso em 29 de julho de 2021.

MUNHOZ, Vanessa de Abreu; CARLETTI, Anna. **Política Ártica da China - Uma Estratégia de Inserção**. Cadernos de Relações Internacionais e Defesa, v. 2, n. 3, p. 24-44, 3 dez. 2020.

NASA, **Global Climate Change - Vital Signs of the Planet**. Disponível em: <<https://climate.nasa.gov/vital-signs/global-temperature/>> Acesso em: 17 de julho de 2021.

NUDELMAN, Mike. Business Insider. **This map shows Russia's dominant militarization of the Arctic**. 2015. Disponível em: <<https://www.businessinsider.com/chart-of-russiasmilitarization-of-arctic-2015-8>>. Acesso em 01 de agosto de 2021.

Observatório Geo. **Mapa Político da Europa durante a Guerra Fria**. 2012. Disponível em: <<http://obsgeo.blogspot.com/2012/04/mapa-politico-da-europa-durante-guerra.html>>. Acesso em 23 de julho de 2021.

RAINWATER, Shiloh. **"Race to the North: China's Arctic Strategy and Its Implications"**, Naval War College Review: Vol. 66: No. 2, Article 7, 2013. Disponível em: <<https://digital-commons.usnwc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1371&context=nwc-review>> Acesso em 30 de julho de 2021.

ROSATOM, 2020. **A peça chave do novo quebra-gelo nuclear foi colocada na usina de Báltico**. Disponível em: <<https://rosatom-latinamerica.com/pt/journalist/news/a-pe-a-chave-do-novo-quebra-gelo-nuclear-foi-colocada-na-usina-de-b-ltico/>> Acesso em 01 de agosto de 2021.

SILVA, Pedro Henrique Iranço, COSSUL, Naiane Inez [2021]. **O degelo no Ártico e a nova frente geopolítica para a Rússia**. Revista Conjuntura Global. 2021.

SHEA, Neil. **Cenas da nova Guerra Fria se desenrolam no topo do mundo. Forças militares disputam o controle do Ártico, que derrete a cada dia**. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2018/11/nova-guerra-mundo-russia-eua-estados-unidos-canada-china-artico-gelo-frio-derretimento-militar-exercito>> Acesso em 28 de julho de 2021.

SPUTNIKNEWS, **Por que EUA querem construir frota de quebra-gelos no Ártico?** 2020. Disponível em: <<https://br.sputniknews.com/americas/2020061615716694-por->

que-eua-querem-construir-frota-de-quebra-gelos-no-artico/> Acesso em 01 de agosto de 2021.

TEXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M. **Geopolítica - do pensamento clássico aos conflitos contemporâneos**. Editora Intersaberes, 2017.

The Arctic Institute, Center for Circumpolar security studies. Disponível em: <<https://www.thearcticinstitute.org/>> Acesso em 16 de julho de 2021.

TOMÉ, Luís. **Geopolítica da Rússia de Putin. Não é a União Soviética, mas gostava de ser...** Relações Internacionais, dezembro de 2018 [p. 069-099].

XINHUA. **Conselho do Ártico adota primeiro plano estratégico para próximos 10 anos.** Disponível em: <http://portuguese.xinhuanet.com/2021-05/22/c_139963107.htm> Acesso em 30 de julho de 2021.